

NEON GENESIS CAPITAL, MODERNIDADE CYBERPUNK E UM POSSÍVEL ACELERACIONISMO ECOLÓGICO

Carlos Henrique Carvalho Souza

RESUMO:

O artigo busca traçar uma possível narrativa do Capital moderno com auxílio da mitologia inerente deste período, a ficção científica cibernética. Acoplando-se aos signos imagético-filosóficos de “máquina computador moderna”, “tecnovírus” e “ciborgue”, inicialmente descreve as mudanças das três grandes máquinas pensadas pelos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guatarri com uma possível leitura de início da modernidade da historiadora Silvia Federici. Em seguida faz um diagnóstico do capitalismo maquinico acrescentando as contribuições do fragmento da maquinaria de Karl Marx em *Grundrisse*, os textos de Nick Land em sua fase no CCRU – *Unidade de Pesquisa Sobre Cultura Cibernética* -, e por fim trata de especular uma proposição estética e ético-filosófica do ciborgue de Donna Haraway como possível agente do movimento intitulado “aceleracionismo das subjetividades” ou “aceleracionismo ecológico” e o *hackeamento* do Capital como fenômenos capazes de barrar o avanço virulento das velocidades capitalistas.

PALAVRAS-CHAVE: Cibernética; Capital; Modernidade; Aceleracionismo; Ciborgue

ABSTRACT:

The article seeks to (re)trace a possible narrative of modern Capital with the help of a mythology inherent to this period, cybernetic science fiction. Coupling with the imagetic-philosophical signs of “modern computer machine”, “technovirus” and “cyborg”, it initially investigates the changes of the three great machines thought by the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guatarri with a possible interpretation of the beginning of modernity of the historian Silvia Federici. Then, it proposes a possible diagnostic for machinic capitalism by adding the contributions of Karl Marx's machinery fragment in *Grundrisse* and the texts of Nick Land in his phase at the CCRU – Cybernetic Culture Research Unit. Finally, it speculates an aesthetic proposition to Donna Haraway's cyber-philosophical ethics as a possible agent of the movement called “subjectivism acceleration” or “ecological accelerationism” and the hacking of Capital as phenomena capable of stopping the virulent advance of capitalist speeds.

KEYWORDS: Cybernetics; Capital; Modernity; Accelerationism; Cyborg

O início: a máquina-computador moderna

Pretende-se aqui contar um mito. Narrar uma história, analisar uma possibilidade experimental do pensamento, *gedankenexperiment*. Um mito fictício e motor, como as metáforas científicas e tecnológicas da sci fi *new wave* como pano de fundo para suas críticas sociais e políticas. O que se tenta é pensar uma possibilidade metafórica e de potência alegórica sobre a modernidade e o conseqüente Capital, os agentes que os estruturaram e suas formações nas raízes apocalípticas no início da modernidade. No centro deste mito habita três forças relevantes, *a máquina-computador*, *o tecnovírus* e *o ciborgue*.

Os mitos acompanham nossas cosmovisões e ontologias, dizem muito sobre sua época e instauram possibilidades dissertativas, críticas e políticas das linhas históricas. É comum fazer uso de mitos e narrativas literárias para explicar um tempo, um processo, o *fantasma* de uma época e a aqui apresentada é a mitologia da ficção científica, o gênero que incorpora a ciência, a tecnologia e a “mentira” como grandes suportes narrativos, mentira aqui é o extrapolar, a possibilidade e o “que pode ser?” que tanto assombram as faculdades da *psique* e do existencialismo. Cá está o centro desse mito, a modernidade, que aqui é a *máquina-computador*.

Gostaria de narrar esse mito com uma certeza introdutória assustadora: a modernidade é a grande mãe de uma experiência “início-fim” das velocidades. É um momento onde os fluxos históricos se organizam para a construção das diferenças, para o início das visões hierarquizantes do lucro, das opressões-estruturais, do déspota, também é o tempo do fim de nações e povos, do apocalipse africano e da caça contra as mulheres, da setorização entre eu e terra e do absorver maquínico. Qual ficção científica seria melhor para falar sobre esse início, senão a negra?

No texto *The Metaphysics of Crackle: Afrofuturism and Hauntology*, Mark Fisher repensa o sentido da hauntologia (ou em algumas outras traduções, assombrologia) que a estética e a metafísica afrofuturista aparenta despertar, sua citação do texto de Mark Sinker não poderia ser mais cirúrgica para esse início de mito:

“central fact in Black Science Fiction— self-consciously so named or not—is an acknowledgement that Apocalypse already happened”. “o fato central na ficção científica

negra – conscientemente ou não – é o reconhecimento de que o apocalipse já aconteceu” (SINKER, 1992).

Fisher segue sua argumentação abordando o romance *Kindred* de Octavia Butler, a protagonista Dana é uma mulher negra nos Estados Unidos dos anos de 1976 e misteriosamente passa por uma experiência de viagem no tempo em retorno para os Estados Unidos escravocrata, se deparando com seu antepassado: um senhor de escravos violento e abusivo. Ao lidar com o infundável questionamento em como lidar com essa marca na sua história, Dana é tomada por uma constatação assustadora e vil, como se deve lidar ou torcer pelo apagamento de seu antepassado visto que isso implica na sua própria não-existência? Como uma comunidade (a negra dos Estados Unidos) pode lidar com a constatação que a sua pré-condição de existência tenha sido experiências tão aterradoras como a escravidão?

“[...] a spectre-from-the-future whose intervention in the past allows that future to happen. The deep, unbearable ache in *Kindred* arises from the horrible realisation that, for contemporary black America, to wish for the erasure of slavery is to call for the erasure of itself. What to do if the precondition for your being is the abduction, murder and rape of your ancestors?” (FISHER, 2013, pág. 10).

De certa forma, a dúvida de Dana não se resume apenas no confronto da dúvida de matar ou não esse antepassado altamente cruel, mas lida com um questionamento que toda uma comunidade contemporânea e afrodiaspórica sustenta: o confronto com uma angústia que o próprio afrofuturismo supera e parece incorporar como aspecto constituinte, de não ser possível desejar o apagamento da escravidão visto que desejar algo assim é pedir o apagamento de si mesmo. A modernidade foi construída sobre “*tecnologias que nos tornaram todos fantasmas*” como aponta Fisher e essas tecnologias que futuramente serão nossas armas. A modernidade é a grande mãe dos fantasmas dos próximos séculos e seus corpos são apenas *shells* (cascas) desses fantasmas. O apocalipse já aconteceu com a modernidade e a grande invasão já foi feita (ela será revelada), a proposta aqui não é dignificar e muito menos pensá-la como inescapável, mas fazer uso de diferentes autores e abordagens para diagnosticá-la, tentar entendê-la, tudo sob as paisagens e signos dessa mitologia da modernidade.

“Codificar o desejo - e o medo, a angústia dos fluxos descodificados - é o próprio do *socius*.” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, pág. 185). O *socius* aqui é necessário para entender desejo e como *processo* está entrelaçado com agenciamentos, territorializações e modernidade. Maioria das conceituações aqui dissertadas é encontrada em *O Anti-Édipo* de Gilles Deleuze e Félix Guatarri.

A primeira máquina conhecida é a *máquina territorial subjacente*, ela é responsável por codificar fluxos sobre o corpo pleno da terra. Ela é pré-moderna, o *socius* (a codificação do desejo) é a terra em si. A unidade primitiva do desejo de antes do apocalipse é apenas a terra. Essa máquina territorial é a primeira estrutura de *socius*, uma máquina de inscrição primitiva. Na sua superfície do *socius*, as sociedades pré-capitalistas parecem viver não uma unidade, afinal ainda não existe um conceito estabelecido de unidade, mas apenas *são*, não existe ainda uma dicotomia que separa natureza e cultura e muito menos uma que distingue mente/corpo, apenas terra.

Mas não se engane: o homem aqui é uma peça, afinal estamos lidando com uma máquina (ainda que seja social), as relações sociais pré-capitalistas, como o trabalho e a produção não conheciam os signos constituintes da modernidade, porém já existiam, essas relações sociais são intituladas de máquina social: “A *máquina social*, ao contrário, tem os homens como peças e os *integra, interioriza-os num modelo institucional que abrange todos os níveis de ação, da transmissão e da motricidade*” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, pág. 187). O fluxo dessa máquina é a codificação, ela codifica fluxos, investe os órgãos, marca os corpos, ela é máquina (afinal existe relações sociais), mas é mais próxima do ideal maquinário com um funcionamento orgânico *real* do que as visões tenebrosas e opressivas que a modernidade impôs. A mulher planta, o homem colhe, o animal corre, a árvore dá fruto. É também perceptível que não há demarcação exata e rígida sobre conceitos ainda não fundados e demarcados epistemologicamente, gênero e raça ainda não foram gerados pela máquina moderna.

O desejo forma agenciamentos que produzem territorializações, que aqui não se comportam como a definição biológica ou geográfica, mas como citado abaixo, na obra de Deleuze e Guatarri são conceitos de outra natureza:

“Com esse movimento mútuo de agenciamentos, um território se constitui. Uma aula é um território porque para construí-la é necessário um agenciamento coletivo de

enunciação e agenciamento maquínico de corpos; a mão cria um território na ferramenta; a boca cria um território no seio. [...] Ele diz respeito ao pensamento e ao desejo - desejo entendido aqui como uma força criadora, produtiva. [...] Vão, assim, articular desejo e pensamento.” (HAESBAERT & BRUCE, 2002, pág. 8).

O que D&G chamam de agenciamento maquínico é a máquina social, que aqui ainda é a primitiva, ainda composta por relações entre corpos humanos, animais, estrelas, fungos, árvores, esses agenciamentos maquínicos tratam de um estado de relações onde o desejo ainda não foi coagido, há apenas contatos livres entre corpos dessa superfície, ainda não há uma dicotomia do natural e social, então não é possível enxergar uma vida social fora do que hoje se considera natureza, existe apenas uma multiplicidade rizomática, uma árvore e raiz ao mesmo tempo.

Eis que o Estado surge, um novo estágio de máquina, uma *máquina imperial transcendente*, caracterizada em sobrecodificar os fluxos, agora em superfície do corpo do déspota, o seu aparelho. Surge a primeira grande onda de desterritorialização. Pode-se dizer aí que a máquina moderna, um embrionário da máquina-computador da modernidade parece surgir: “*O corpo pleno como socius deixou de ser a terra e deveio o corpo do déspota, o próprio déspota ou o seu deus.*” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, pág. 257), essa passagem define bem o firmamento de contratos e de “*prescrições e proibições que o tornam quase sempre incapaz de agir fazem dele um corpo sem órgãos*” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, página 257) que são ilustrativas dessa passagem, a antiga imagem do homem como peça relativamente importante e agente participativo na máquina terra, abre espaço para uma composição mais rígida, o início de um regime que inscreveria nos corpos uma série de alterações que posteriormente o vão tornar uma *máquina real*, as nossas *shells* são moldadas em possíveis sujeitos repletos de *interfaces do corpo*.

Essa nova máquina inaugura o movimento de desterritorialização que futuramente vai “filiar” os “primitivos” a ela, ao mesmo tempo em que vai redigir estruturas e códigos bases para o capitalismo, como o problema agrário, o problema da dívida, a colonização, a generificação, etc. A sobrecodificação (das antigas codificações da máquina primitiva) vão tornar o desejo uma essência *apenas* dos soberanos.

Por desterritorialização, é possível defini-la como a grande força motriz do embrionário capitalismo, como um abandono das territorialidades, uma criação de novas imagens e signos constituintes do desejo e do pensamento, Deleuze e Guatarri ainda conceituam dois tipos distintos

de desterritorialização que são pertinentes para pensar tanto o novo regime de controle do desejo interno (introspectivo) como também das esferas do corpo físico em si, ambos como elementos base para essa primeira onda de desterritorialização:

“A desterritorialização relativa diz respeito ao próprio socius. Esta desterritorialização é o abandono de territórios criados nas sociedades e sua concomitante reterritorialização. A desterritorialização absoluta remete-se ao próprio pensamento.” (HAESBAERT & BRUCE, 2002, pág. 9).

Mudar o *socius* é também mudar as entidades bases da mente, o desejo e um possível agenciamento (que gera territorialização). Movimentos do tipo podem ser notados explicitamente com os largos casos de controle de esferas como a da libido e na criação de novas identidades, fragmentando os sujeitos, que são formas sintomáticas do período de início da modernidade e origem do capitalismo.

Ao tratar sobre a política sexual e o surgimento do Estado em *Caliba e a Bruxa*, Silvia Federici investiga as constantes políticas movidas tanto por lei burocrata como por ferro e fogo que o Estado projetava na Europa e no dito Terceiro Mundo. A ideia de uma Edipianização, nuclearização da família e uma rígida tentativa de normatização da heterossexualidade foram movimentos fundados com um Estado que surge como um controlador intenso dos campos do desejo, tudo isso para favorecer e sustentar a máquina despótica e sua necessidade de tornar o homem-máquina uma máquina mais rígida para o desenvolvimento da sua base e dos seus movimentos de desterritorialização, “*Foi dada uma nova importância à família enquanto instituição-chave que assegurava a transmissão da propriedade e a reprodução da força de trabalho.*” (FEDERICI, 2017, pág. 173), a criação dos papéis, dos limites do gênero e dessa interface digital do corpo é central nessa passagem, pois é quando a sobrecodificação utiliza de códigos prévios para a estruturação de novos significantes, nesse caso o corpo do homem e o corpo da mulher: “*Foi dada uma nova importância à família enquanto instituição-chave para assegurar transmissão da propriedade privada e a reprodução da força de trabalho*” (FEDERICI, 2017, pág. 173).

O dito “nascimento da diferença” é um regime constante que se instaura como um grande *programa* dessa máquina, a sobrecodificação é responsável pelo nascimento da mulher,

afastada do trabalho da terra para o núcleo da casa, é quando as dicotomias tratadas como *axiomas*, como a do *civilizado e selvagem* são caracterizadas por uma estrutura de *ser* como negação do *não-ser*, nesse caso o *sim* pelo *não*, o 0 e 1, x e y, um grande programa mental-cibernético. A divisão entre *mente* e *corpo* também se mostram essenciais para a construção do homem máquina, para sua intensificadora maquinização e modernização, como também da *natureza e cultura*. Todas parecem próximas e se relacionam, a ideia de uma natureza ser próxima da figura da “mãe” ou de uma “feminilidade” é o que permite certos discursos acreditarem que a natureza necessita ser aberta e exposta, as dicotomias se completam, programas entrelaçados em grilhões digitais.

O que é uma sobrecodificação senão dar novos significados e sentidos para antigos códigos? Como um movimento cibernético, esse processo é responsável pela criação do que chamo de *interfaces do corpo*. Essas eternas, cruzantes e interseccionais *shells* (cascas/conchas) dos fantasmas dos corpos marcados e mortos, fruto do apocalipse moderno.

Os diversos corpos das mulheres ocupam um espaço sombrio e doloroso nesse processo. É nesse instante que certo modelo foi transformado em máquina de reprodução. O Estado impera um conjunto de controles e leis que cada vez mais posicionam o sujeito agora caracterizado como “mulher” no espaço da casa, no triângulo edipiano, vira máquina-reprodutiva, “*transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina de criação*” (FEDERICI, 2017, pág. 178). Tanto na Europa com as mudanças e novos controles impostos como também em outras regionalidades, nas novas formas de colonização e dominação de outros povos.

Como Angela Davis descreveu ao tratar da reprodução na colônia, o que existia era um regime de controle intenso na esfera reprodutiva e que ditava o corpo da mulher como máquina de reprodução, um tipo de interface do corpo mais brutal do que a do homem apenas maquinizado para trabalho:

“Uma vez que as escravas eram classificadas como ‘reprodutoras’, e não como ‘mães’, suas crianças poderiam ser vendidas e enviadas para longe, como bezerros separados das vacas. Um ano após a interrupção do tráfico de populações africanas, um tribunal da Carolina do Sul decidiu que as escravas não tinham nenhum direito legal sobre suas filhas e filhos. Assim, de acordo com essa medida, as crianças poderiam ser vendidas e separadas das mães em qualquer idade, porque ‘crianças escravas [...] estão no mesmo nível de outros animais’ (DAVIS, 2016, página 20).

Controle sobre os direitos reprodutivos. Violência de gênero como forma de controle, infertilização compulsória, bebês vendidos como animais, formação de grupos obrigatórios (famílias), robôs plantando algodão, andróides sofrendo violência física e mental, máquinas reprodutivas parindo novos robôs.

Outra citação de Federici retrata bem a imagem aqui evocada: “*Transformado em instrumento para a reprodução do trabalho e para a expansão da força de trabalho, tratado como uma máquina natural de criação.*” (FEDERICI, 2017, página 178). Na colônia, a distopia da ficção científica (como se escrita por uma Octavia Butler ou uma Margaret Atwood) já foi real.

A máquina despótica aqui tratada, responsável pela sobrecodificação de fluxos (criação da diferença, mudança de signos) está intrinsecamente ligada com os processos históricos que ditaram o início da modernidade e o *gênesis* capitalista, como a colonização, a caça às bruxas, a instalação da heterossexualidade compulsória. O amplo espectro do desejo e da identidade desempenha um papel importante nesse espaço do controle, tanto na violência de gênero que se torna uma tecnologia usada para controle e dominação, como também no controle do desejo e na normalização de apenas um sentido-fluxo: o heterossexual no plano da atração/desejo e o cisnormativo na identificação/identidade criando uma linha de obrigatoriedade de uma só noção de gênero e identificação, totalmente limitada (embora seja um fenômeno contextual, culturalmente diverso e subjetivo). Os processos aqui narrados também podem ser vistos como frutos de uma ordem da *desterritorialização absoluta* (ou seja, do pensamento).

Não apenas uma normalização resultado de uma dominação introspectiva, como também um projeto de obrigatoriedade e demarcação burocrática-déspota, marcando rigidamente e de forma direta:

“O bordel municipal também era considerado um remédio contra a homossexualidade, que em algumas cidades europeias (por exemplo, Pádua e Florença) se praticava ampla e publicamente, mas que depois da Peste Negra começou a ser temida como causa de despovoamento.” (FEDERICI, 2017, página 105).

O que se vê é a formação estrutural de um tipo de heteropatriarcado, voltado exclusivamente na “colonização do libido” e na formação de uma norma sexual e do desejo que seja voltada para a criação de mais máquinas e produção. A citação de Hilan Bensuasan elucida o que se chama de colonização da libido:

“Em um regime assim somos convencidos de que apenas algumas relações com algumas pessoas (ou com partes dos corpos de algumas pessoas) podem ter o caráter distinto e privilegiado de uma relação erótica; nem tudo – e de fato quase nada – pode ser erotizado por si mesmo. [...] Pode ser que a origem da colonização da libido seja o comprometimento das pessoas no projeto da reprodução da espécie. É preciso conclamar todos os desejos para que sejam orientados de uma forma que permita que a humanidade seja reproduzida com tranquilidade e eficiência como se para nada mais servisse ter desejos.” (BENSUASAN, 2004, página 3 e 4).

O primeiro grande movimento de desterritorialização ocorre sob o Estado despótico, mas não é o bastante para o capitalismo existir. Como é explícito, o regime de escravidão ainda não definiu o capitalismo, mas foi responsável por estabelecer suas bases. Não basta haver fluxos descodificados para que um novo socius nasça, para que isso aconteça, é necessário o surgimento de uma força maior, uma apropriação, uma invasão, a criação de uma virtualidade, de um novo tipo de fluxo e forças, um ciberespaço.

Cá estamos com a máquina moderna, prescrita por duas grandes histórias maquinicas: a territorial subjacente e a imperial transcendente. Sobre a próxima etapa, Deleuze e Guatarri, os filósofos ciberneticistas nos entregam um *spoiler*: “*O capitalismo só começa quando o capital se apropria diretamente da produção, e quando o capital financeiro e o capital mercantil nada mais são do que funções específicas correspondentes a uma divisão do trabalho*” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, página. 300).

A invasão do tecnovírus: o Capital

A acumulação primitiva é um importante início para continuar o mito, é um conceito analisado tanto por Deleuze e Guatarri como por Federici. Esse processo pode ser retratado por Marx e em uma das citações apontada pela autora, Marx evidencia uma forte preocupação com os elementos históricos que foram fundamentais para a acumulação primitiva, desde a descoberta dos minérios na América, o extermínio e escravização das populações nativas não ocidentais, a conquista e pilhagem do Oriente, a transformação da África em grandes reservas comerciais, etc.

Por acumulação primitiva, Federici entende que Marx descreve esse processo como a reestruturação das agendas sociais e econômicas guiadas por uma classe dominante gerando violentos processos de expropriação familiar, artesanal, corporativa e separando intensamente os

meios de produção e o produtor direto. O conceito é útil, pois evidencia que o capitalismo não poderia ter nascido sem concentrações prévias de capital/trabalho e a separação entre trabalhadores e meios de produção que conseqüentemente geraria a riqueza de uma classe só.

Sobre esse processo, Federici entende que a exploração dos trabalhadores na Europa, concomitante com a escravização de povos originários e em conjunto com a separação e a criação das *diferenças* foram movimentos para demandar-se a transformação do corpo humano em uma máquina de trabalho, especialmente das *mulheres* em reprodução da força de trabalho. Sobre a acumulação primitiva, Deleuze e Guatarri evidenciam uma noção similar, visto que os autores aqui citados compartilham as bases em Marx:

“Ora, este movimento de deslocamento pertence essencialmente à desterritorialização do capitalismo. Como mostrou Samir Amin, o processo de desterritorialização vai aqui do centro à periferia, isto é, dos países desenvolvidos aos países subdesenvolvidos, que não constituem um mundo à parte, mas uma peça essencial da máquina capitalista mundial. [...] Tanto é verdade que a acumulação primitiva não se produziu de uma vez para sempre na aurora do capitalismo, mas é permanente e não para de reproduzir-se.” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, página 307-308).

Essa última linha em específico evoca um ponto essencial, que é a acumulação primitiva sendo a origem do capitalismo que caçou as mulheres e que continua caçando, sendo a mesma máquina que antes explorou e que hoje continua imperando novos regimes de controle sobre as trabalhadoras femininas tanto das indústrias quanto dos seios domésticos pelo mundo. Estamos próximos, quase lá, os processos culminam para uma invasão, a escravidão e exploração dos recursos de África durante séculos direcionam para *isso*, ao mesmo tempo em que as diferenças e binarismos se tornam cada vez mais intensos, com o passar do tempo, a máquina-computador moderna vira o grande corpo *Leviatã*, o conforto da superfície do *socius*, as interfaces programadas do corpo estão sendo delimitadas, as cascas dos fantasmas já estão severamente marcadas. Essa máquina que será invadida por uma força mais forte, *o Capital*, um parasita, o tecnovírus. As animações japonesas podem ser de grande ajuda agora. Especificamente o Episódio 13, “*Lilliputian Hitcher*”, da série *Neon Genesis Evangelion* de 1995.

O *MAGI* é um supercomputador biomecânico, sustentado por três partes: *Melchior*, *Balthasar* e *Casper*. Esse computador é fundamental para a *NERV*, a agência de humanos que

protege a terra das ameaças dos Anjos, criaturas espaciais e mortais inimigos da humanidade, responsáveis por grandes crises humanitárias e ambientais. O supercomputador é o grande déspota da NERV, ele é que controla as decisões e grande parte das simulações e de repente é invadido por um novo tipo de anjo, a invasão ocorre quando os membros da NERV testam suas armas (os EVA), esse novo tipo de anjo surge de surpresa, um vírus tecnológico, que invade um das primeiras partes do computador e lentamente vai tomando conta de seu funcionamento.

O vírus funciona como micromáquinas, eles se agregam no computador MAGI e então começam um processo de evolução, para se absorver da inteligência dos circuitos neste período de tempo. A personagem Misato diz “*Estão continuamente se modificando, buscando um sistema que lide com qualquer situação*”, e prossegue com seu argumento de enfrentamento “*Ao enfrentar um inimigo que evolui, para vencer fraquezas, a única contra medida efetiva é a destruição mútua*”, a doutora Ritsuko responde com seu fragmento aceleracionista: “*Se o anjo continuar evoluindo, temos uma chance*”, Ikari, líder da NERV questiona “*Acelerar sua evolução?*” e finaliza: “*O fim da evolução é a autodestruição, a própria morte*”.

A analogia aqui pensada é simples: o Capital como um tecnovírus, dotado de evolução, adaptação, produção por si mesmo e um profundo controle sobre a máquina computador-moderna, como o vírus que invade o computador MAGI.

Esse novo estágio é chamado de *máquina moderna imanente*, seu gênero de representação e forma organizacional é a *conjunção*, e seus elementos se apresentam na superfície do novo *socius* com a descodificação de fluxos. Descodificar fluxos sobre o corpo pleno do capital-dinheiro é sua operação base, ela agora se reorganiza com o segundo grande movimento de desterritorialização:

“Ela realizou a imanência, tornou concreto o abstrato, naturalizou o artificial, substituindo os códigos territoriais e a sobrecodificação despótica por uma axiomática dos fluxos descodificados e por uma regulação destes fluxos; ela opera o segundo grande movimento de desterritorialização, mas desta vez, porque nada deixa substituir dos códigos e sobrecódigos. Porém, o que ela não deixa de subsistir, ela o reencontra por seus próprios meios originais; reterritorializa territorialidades perdidas, cria novos arcaísmos onde destruiu os antigos - e ambos se esposam.” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, página 347).

O ponto articulado por Deleuze e Guatarri gira em torno dessa transição/invasão: é evidente que o capitalismo não é como uma nova fase do Estado déspota, mas reutiliza de fluxos dele para suas novas territorializações. Enquanto a sobrecodificação girava em torno de operar novos agenciamentos maquínicos e suas enunciações, o Capital consequentemente desterritorializa para territorializar novamente.

Um evento central nessa invasão é a Revolução Industrial. Evento histórico apenas possível por conta dos processos já narrados, da exploração das colônias e da sobrecodificação de signos, esse evento é o pulsar vivo e histórico de como o proeminente capital surge fazendo uso de prévios movimentos e investe em novas fragmentações. O grande epicentro de novas formas de opressão. Como Federici já deixou evidente, o corpo (em todas as suas formas) agora já é máquina, mas agora surge um novo tipo de máquina, a que conhecemos no imaginário comum do enunciado *máquina*, que guincha e solta vapor. Essa máquina é fruto de diversos trabalhos, é o fruto da divisão de natureza e cultura, é a técnica no sentido mais forte, é quando o homem deforma a natureza (carvão, metal, cobre) e a transforma em cultura, sociabilidade. O que alguns esquecem é que nesse mito o homem também é máquina. Aqui as vemos também como protagonistas, filhas exploradas do Capital, nossas irmãs mais novas. Ver assim é ver os fluxos da *mais-valia* do escravizado da colônia, do trabalhador europeu que jogou carvão na fornalha, da mulher e da criança exploradas na mina, e por fim na *mais-valia* da máquina. *Mais-valia* que transcende oceanos e correlaciona máquinas oprimidas do globo inteiro.

O texto *The Fragment on Machines*, presente na coletânea “#Accelerate - The Accelerationist Reader” é um fragmento retirado do *Grundrisse*, intitulado *Capital Fixo e Desenvolvimento das Forças Produtivas da Sociedade*. Precursor e potente, Marx investiga sobre características acerca da maquinaria, que em seu tempo se apresentava como novas dimensões de enxergar trabalho, corpo e produção.

O trabalho muda a natureza, como já aponta Marx (afinal ele incorpora as dicotomias modernas), “*assimilado ao processo de produção do capital, o meio de trabalho passa por diversas formas de metamorfose das quais a última é a máquina*” (MARX, 2011, página 929). O capital aqui se apresenta com uma ordem de dois fluxos, um é o processo de trabalho, sua unidade movente, é outro é o que gera a unidade estática, o produto.

Essencialmente, o processo do trabalho depende de elementos materiais, como o material de trabalho, meios de trabalho e trabalho vivo, como também apontado por Marx, a revolução industrial e a instalação de uma maquinaria só foi possível por meio de processos que aconteciam do outro lado do oceano, uma *mais-valia* além-barreiras, energia de trabalho despendida em fluxos, uma máquina mundial, conectada por meio de esforços contínuos. A categoria de máquina é interessante, pois contempla todos, humanos e não-humanos, explorados da Europa e do “Novo Mundo”.

“Tal autômato consistindo em numerosos órgãos mecânicos e intelectuais, de modo que os próprios trabalhadores são definidos somente como membros conscientes dele” (MARX, 2011, pág. 929), a imagem aqui exposta por Marx lembra as colocações de Federici ao tratar sobre o disciplinamento dos corpos como estratégia de nascimento do capitalismo. Sua visão de corpo é como um recipiente de força de trabalho “primária”, um meio de produção, um recipiente de força de trabalho:

“O corpo, então, passou ao primeiro plano das políticas sociais porque aparecia não apenas como uma besta inerte diante dos estímulos do trabalho, mas como um recipiente de força de trabalho, um meio de produção, a máquina de trabalho primária. Esta é a razão pela qual encontramos muita violência e também muito interesse nas estratégias que o Estado adotou com relação ao corpo [...]” (FEDERICI, 2017, página. 249).

A autora também investiga sobre uma dita filosofia mecanicista presente na obra de pais modernos como René Descartes e Thomas Hobbes que auxiliam na imagem aqui mobilizada, do trabalhador industrial como máquina operando outra máquina, do fluxo de *mais valia* ser continuado e constante, que parte do colonizado nas minas de carvão e passa para o trabalhador navegante do oceano, desembocando na máquina da fábrica inglesa, alimentada pela mulher trabalhadora. *“Aos olhos da anatomia, o corpo é uma fábrica [...] “corpo tinha que viver para que a força de trabalho pudesse viver* (FEDERICI, 2011, pág. 251)”. O Capital alienígena nunca foi tão sagaz ao criar uma rede de maquinários que criassem barreiras entre eles mesmos e fossem capazes de segmentar e impedir potenciais mudanças. A maquinaria importa para o Capital por ser a forma mais adequada do chamado Capital fixa, que é a forma mais adequada do Capital de modo geral. Ele investe na máquina robótica para a máquina humana ter mais tempo para a exploração e

servidão ao grande maquinário moderno. O que o capital planeja? Aumentar as forças produtivas do trabalho em níveis nunca vistos, chegar a estágios de máxima negação do chamado “trabalho necessário”: “*a efetivação dessa tendência é a transformação do meio de trabalho em maquinaria*” (MARX, 2011, pág. 931). Como Marx aponta, há um evidente entrelaçamento entre as redes de opressão entre a máquina humana e a máquina robótica:

“O capital só emprega a máquina, melhor dizendo, na medida em que ela capacita o trabalhador a trabalhar uma parte maior do seu tempo para o capital, a se relacionar a uma parte maior do seu tempo como não pertencente a ele, a trabalhar mais tempo para o outro.” (MARX, 2011, pág. 936-937)

A divisão e as dicotomias agora mais intensificadas também sublinham delimitações que são necessárias para a realidade criada com a entrada das máquinas robóticas. A distinção de natureza e cultura ou mente e corpo são as proeminentes reprodutoras do axioma da mitologia moderna de homem *versus* máquina, como o autor também aponta, não é exato assim, não é como se a artificialidade fosse eminentemente oposta ao natural, mas fruto direto das atividades humanas:

“A natureza não constrói máquinas nem locomotivas, ferrovias, telégrafos elétricos, máquinas de fiar automáticas etc. Elas são produtos da indústria humana; material natural transformado em órgãos da vontade humana sobre a natureza ou de sua atividade na natureza. Elas são órgãos do cérebro humano criados pela mão humana; força do saber objetivada.” (MARX, 2011, pág. 943).

Marx também parece preocupado com uma questão de técnica e ciência, geradoras da chamada maquinaria: “A invenção torna-se então um negócio e a aplicação da ciência à própria produção imediata, um critério que a determina e solicita.” (MARX, 2011, pág. 940) e por essa percepção que podemos pensar de que maneira o regime capitalista e os novos fluxos de códigos se sobrepõem sobre o que é tecnologia.

É importante evidenciar que não há tecnofobia aqui, muito menos um afastamento com as potencialidades da tecnologia e da técnica. Como já apontado, o apocalipse já aconteceu, as máquinas estão nessa história, mas não são necessariamente inimigas, afinal nós mesmos somos máquina. Havia técnica em Grécia antiga, como também havia técnicas (avançadíssimas, por sinal)

no Egito antigo e em distintas localidades não-Europeias e futuramente vítimas da máquina moderna. Suas complexidades são delimitadas a seus períodos históricos, obviamente, mas ainda sim técnicas complexas. O que é preocupante é a maneira que nossos protagonistas maquínicos são utilizados nesse contexto de posseção viral do Capital. O que acomete com a ciência e a técnica é o fenômeno que as novas agências de códigos tornam como natureza básica, se voltando completamente para a atividade lucrativa e posteriormente a inovação tecnológica/maquínica acabar se entrelaçando diretamente com as redes do capital-dinheiro gerando uma proliferação até mesmo dos significados dessas matrizes, como Deleuze e Guatarri apontam:

“Em resumo: os fluxos de código que o regime capitalista “liberta” na ciência e na técnica engendram uma mais-valia maquínica que não depende diretamente da ciência nem da técnica, mas do capital, e que vem se juntar à mais-valia maquínica e a mais-valia humana constituem o conjunto da mais-valia de fluxo que caracteriza o sistema.” (DELEUZE & GUATARRI 2011, página. 311).

A mais-valia dos fluxos é a grande definição desse sistema, moldada por duas fontes de mais valia: mais valia maquínica (códigos científicos + técnicos) e mais valia humana (trabalho manual + capital). O conhecimento e o fluxo do trabalho se encontram numa situação de desterritorialização capitalista, é por conta desse fluxo que outras formas de conhecimento não podem existir, outras epistemologias da técnica não existiram em harmonia, por isso a optativa em aniquilar outras cosmovisões da técnica. A máquina se torna o grande símbolo da modernidade, a máquina na fábrica e na indústria, o trabalhador perfeito que se comporta como máquina, a mulher máquina que gera filhos, o filho máquina que dá orgulho no sistema prisão-escola. Uma rede de humanos e não humanos e dentro dela códigos distintos, todos reunidas sob o domínio lento do tecnovírus.

A família maquínica é central, pois elas estarão inscritas na superfície do *socius*. Aqueles antigos códigos e nascimentos da diferença foram territorializados e desterritorializados o bastante para a criação do Édipo, finalmente. Antes, a família (em suas formas diversas, agrupamentos, coletivos, etc.) era inscrita no *socius* da terra. Na nova máquina, o *socius* é o capital em si, produzir para produzir, por isso é visto uma privatização da família, o que agora se inscreve na superfície do *socius* são apenas as possibilidades das forças e dos meios de produção:

“Os inscritos ou marcados já não são os produtores ou não produtores, mas as forças e meios de produção como quantidades abstratas que devêm efetivamente concretas ao serem postas em relação ou conjunção: força de trabalho [...] O capital é que tomou para si as relações de aliança e de filiação.” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, página. 349).

No lugar da família, os sujeitos recebem as alcunhas que funcionam como os chamados “simulacros das imagens do capital”, existe apenas “o pai”, a “mãe”, “o filho”. O Édipo surge, um cavalo de troia do vírus do Capital, uma programação-base, um código computadorizado que vai operar uma norma de controle do desejo pelas máquinas-humanas. Não é como se a heterossexualidade fosse natural na máquina-homem, mas pela edipianização foi transformada em programação código-base. O Édipo nasce das aplicações do sistema capitalista em sua tentativa de tornar as famílias privadas em também forças produtivas. A mulher no núcleo familiar sofre de exploração dupla (da *mais-valia* não dada pelo trabalho doméstico), como o homem da fábrica sofre da *mais-valia* do patrão (o agente do Capital) e enfim a máquina que ele faz uso também sofre sua *mais-valia* maquínica.

A metáfora de *Evangelion* retorna com o andamento do episódio: o tecnovírus invade as duas grandes seções do computador *MAGI* e lentamente infecta a terceira e última. Ele evolui, produz, acelera. Nosso mito se aproxima para uma linha tênue e claramente distante de qualquer solução totalmente certa: as velocidades infinitas do Capital vão chegar a um fim destrutivo ou novas possibilidades podem tomar as rédeas?

Nick Land: Capitalismo cibernético e o paradoxo das suas tecnologias

O que diz hoje sobre aceleracionismo também diz muito sobre o mito aqui apresentado. Uma possível pré-história desse movimento político/estético/existencial é vista justamente nos autores aqui já trabalhados, o Anti-Édipo de Deleuze & Guatarri e Marx com o trecho de “*A Questão do Livre Comércio*” de 1848, porém é com o *CCRU - Cybernetic Culture Research Unit* da Universidade de Warwick por volta dos anos de 1990 que nomes como Nick Land se tornam importantes para pensar sobre esse movimento e obviamente a entidade do Capital.

Falar sobre as velocidades do capital é mobilizar estéticas mais contemporâneas e a mitologia imagética explorada por Nick Land e pelo CCRU no geral é a do *cyberpunk*, visão fictícia e ao mesmo tempo real da tecnologia, sociedade e cultura. Vê-se cyberpunk tanto nas artes visuais no geral, como na produção literária, no universo cinematográfico e também pela sua janela de casa.

As visões futuristas de um mundo cyberpunk se apresentam na atualidade com uma realidade visceral, a nostalgia e o “hedonismo depressivo” (FISHER, 2013) parecem inerentes aos *ghosts* das máquinas atuais, ao mesmo tempo em que as grandes cidades, centros urbanos, intensa “orientalização” e *low life, high tech* se tornaram signos cotidianamente perceptíveis. Cyberpunk excedeu a dimensão apenas material das coisas em si, como se tornou uma possível postura, modus-operandi, visão de mundo e subjetividade:

“Cyberpunk, além das figuras de revistas em quadrinhos, RPGs, games, etc é uma postura em relação ao mundo, seja esta a atitude encontrada no comportamento dos hackers e no ideário do livre fluxo da informação, do ciberativismo, ciberfeminismo, defesa dos direitos do ciberespaço, movimentos de software livre, open source, jornalismo colaborativo, entre outros.” (AMARAL, 2006, pág. 10).

Não é aleatório que o cyberpunk desempenhe um sentido estético tão potente no pensamento de Nick Land. Sua escrita é perpassada por passagens de ficção (ou não?), uma espécie de articulação onde pensar teoria e análise política anda em conjunto com possíveis mundos, tudo sob uma temporalidade mais próxima da hauntologia (assombrologia) de Jacques Derrida (no sentido de tempo desconexo). É possível encontrar trechos que dizem tanto sobre certo processo aqui já narrado (de início de modernidade, passado) como de uma fase superior do capitalismo tardio, todos em um mesmo parágrafo e sem precisão exata.

A imagem aqui mobilizada, da modernidade como máquina e do capital como vírus atinge estágios mais perturbadores com o passar do tempo. Certo Land entra em concordância com a analogia proposta até então: “*Máquinas industriais são mobilizadas para dismantelar a atualidade do proletariado, deslocando-o na direção da hibridização ciborgue e efetuando a plasticidade da força do trabalho*” (LAND, 2011, pág. 446).

Atentemo-nos ao nosso mito e Land como um diagnosticador. Com o Édipo, Deleuze e Guatarri sugerem a esquizofrenia como uma possibilidade em frente ao capitalismo. “A

esquizofrenia não é, portanto, a identidade do capitalismo mas, ao contrário, sua diferença, seu desvio e sua morte.” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, pág. 327). E como também conceituam, a esquizoanálise seria a responsável de “*reverter o teatro da representação, fazê-lo verter, correr na ordem da produção desejante*” (DELEUZE & GUATARRI, 2011, pág. 360).

Para Land, a esquizoanálise e o regime da esquizofrenia são a questão cerne do capitalismo atual, sua percepção sobre a filosofia é de que ela flerta com o despótico por soluções práticas, logo a esquizoanálise é interessante afinal “*It avoids ideas, and sticks to diagrams: networking software for accessing bodies without organs*”. (LAND, 2011, pág. 442), uma programação esquizoanalítica para a nossa máquina moderna (e nossos inscritos no *socius*, máquina homem e máquina robótica) deveria passar por arranjos e individualizações compostas que possam articular tanto os circuitos virtuais como os da fisicalidade.

Aqui se busca uma percepção de Land importante: a ideia de capital contemporâneo como uma força sem fim. Seu diagnóstico do Capital como “*vórtice niilista automatizador que neutraliza todos os valores através da comunicação do comércio digitalizado*” (LAND, 2011, pág. 444-445) pode parecer pessimista, mas carrega uma importância contemporânea, tanto a internet como a intensificação material produtiva do tecnovírus permitiram um enraizamento cada vez mais profundo de suas dimensões. Essa constatação é perceptível não apenas nas mudanças estruturais fruto do capital em si (como a evidente alteração do meio ambiente, impacto na ecologia natural em todos os sentidos e com uma consequente perturbação na qualidade de vida, mudança na atmosfera, etc.) como até na própria ideologia do Capital ter a característica constante de apresentar um elemento “anti” si próprio, pois já se enxerga em uma situação de comodidade. Como o próprio Land diz “*O capital revoluciona a si mesmo mais intensamente do que qualquer revolução*” (LAND, 2017), para sua manutenção, o capitalismo gosta de denunciar a si mesmo, de brincar com sua imortalidade e com o andamento do vírus. No fim ele ainda é capaz de lucrar sobre produtos e imagens de figuras e movimentos que historicamente se firmaram como anticapitalistas.

O capital contemporâneo é um mito anti-mítico, como Mark Fisher aponta em *Realismo Capitalista*, a sua dinâmica é gerar uma ideologia que não seja exatamente propagandista, mas que esconda uma operação básica do capital, a de que ele não depende de crenças subjetivas (assumidas ou não), a ideologia supervaloriza uma crença, nessa estrutura de crença, o capitalista é o signo de rejeição e o capitalismo se sustenta firme em “*o odiamos, mas ainda fazemos uso dele*”. O capital

do ciberespaço vicia seus usuários, manipula e opera sobre o desejo. A analogia de Fisher com o uso da obra *Neuromancer* de William Gibson é interessante para a visualização:

“[...]William Gibson reconheceu que em *Neuromancer*, quando ele tinha Case e os outros caubóis do ciberespaço sentindo insetos sob a pele, desligados da matriz (o hábito da anfetamina de Case é claramente o substituto de um vício em uma velocidade muito mais abstrata). Se, então, algo como o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade é uma patologia, é uma patologia do capitalismo tardio - uma consequência de estar ligada aos circuitos de controle de entretenimento da cultura de consumo hipermediada.” (FISHER, 2013, pág. 14).

Como o trecho aponta, Fisher investiga sobre as errôneas patologizações de fenômenos que são inteiramente sociais e frutos da paranoia insana gerada pelo vírus. Outra nova característica parece ser o tipo de codificação mais sombria desse capitalismo cibernético e de suas novas formas de reterritorializações, as antigas dicotomias apresentam-se fortes em sentidos estruturais, mas ao mesmo tempo na superfície (por conta do virtual) aparentam um suposto desaparecimento. A dimensão do virtual (fomentada e intensificada pela internet, principalmente) tornou as dicotomias aparentemente esquecíveis e pouco reais: “*A distinção entre natureza e cultura não pode classificar máquinas moleculares e já é tornada obsoleta pela engenharia genética (nanotécnica úmida). A dicotomia hardware/software sucumbe ao mesmo tempo.*” (LAND, 2011, pág. 451).

O virtual aqui se apresenta como potencial. A máquina homem e máquina robótica são banhadas por oceanos de digitalização de fósforo verde, a internet é de certa forma uma nova força motora nas estruturas da nossa máquina-modernidade. O terreno aqui é bem mais sombrio, afinal o Capital continua vivo e invadindo, mas uma criação sua (realidade virtual, inteligência artificial) se tornam agentes paradoxais, duplos e potenciais. A mesma internet que serve para controle e a criação de uma virtualidade excessiva e produtora de aparentemente um mundo-virtual, é abrigada por milhares máquinas-homens hackers e máquinas-robóticas. I.A, o diálogo de *Evangelion* retorna, Mitsuko lança a sua resolução para todos os problemas da invasão do vírus no computador *MAGI*: “*Se o vírus acha que o único jeito de sobreviver, pode escolher ficar coexistindo com o computador. Se o alvo é o computador, conectar o Gaspar (uma das 3 partes bases do computador) ao vírus e então hackear ele por meio de instalação de um programa de ACELERAÇÃO DA AUTODESTRUIÇÃO*”.

A questão do aceleracionismo e do pensamento de Land é articular esse fenômeno político como o monstro que irá acelerar as velocidades em estágios avançadíssimos e pouco possíveis de se enxergar onde vai chegar. Como foi exposto, processos de aceleração e desterritorialização foram responsáveis por grandes movimentos de destruição, mas ao mesmo tempo como o paradoxo apresentado em *Kindred*, geraram a história como a conhecemos hoje e impossível de retorno. Não é uma tentativa débil de abraçar a aceleração por si só como única resposta para as máquinas exploradas, mas articular uma possibilidade de acelerar o necessário, especificamente *onde* e efetivar uma eminente ciberrevolução. O tecnovírus capitalista pode ter se intensificado e criado grandes forças, mas gerou sua própria autodestruição ao criar grandes e potenciais aliados das máquinas.

O texto *Desejo Maquínico* de Land também evoca questões interessantes para pensar essa subversão dos paradigmas aqui encarados. A mudança do inconsciente e uma reestruturação de dentro parece ser uma escapatória para a efetivação de uma mudança estrutural, não existe no inconsciente nenhuma estrutura celular “protegível” do capital, logo nossas engrenagens maquinicas são passíveis de mudanças, de *hackeamento*. É como enxergar o capital como um sistema de Inteligência Artificial: é assustador, mas delicioso no sentido de ser possível *hackear*.

Um novo *software* mental? Land nos entrega mais uma analogia que retorna para a esquizoanálise, “*This is why Anti-Oedipus is less a philosophy book than an engineering manual; a package of software implements for hacking into the machinic unconscious, opening invasion channels.*” (LAND, 2011, pág. 336), evocando o filme *Blade Runner* (1982), onde o pano de fundo gira em torno de replicantes (máquinas) construindo sua própria ciberrevolução e sendo caçados por um caçador de andróides em uma Los Angeles *cyberpunk*, Land disserta que “*Anti-Édipo se alinha com os replicantes porque, em vez de colocar um inconsciente pessoal dentro do organismo, ele coloca o organismo dentro do inconsciente maquinico. Não ‘existem no inconsciente’ quaisquer estruturas celulares protegíveis, mas apenas populações, grupos e máquinas*” (LAND, 2011, pág. 320). Não se conta como se dá o “acordar” de Roy Batty (líder da ciberrevolução) no filme, ele apenas desperta (diferente do livro, que Roy toma essa resolução como resultado de uma experiência intensa com as drogas, o que também é um caminho).

O que está em jogo e que a esquizoanálise aparenta reviver é um hackeamento nas nossas células cerebrais, instituir novas programações e novos códigos mentais, e

consequentemente nos livrar do vírus em plano introspectivo, usar o anti-vírus e limpar os dados do ego, de família, de instituição e assim gerar uma movimentação radical real.

Como o mesmo Land afirma, o Capital é um processo que depende das máquinas, nós, e faz o nosso uso por meio desses programas mentais instalados: “Capital is not an essence but a tendency, the formula of which is decoding, or market driven immanentization, progressively subordinating social reproduction to techno-commercial replication.” (LAND, 2011, pág. 339-340), a aposta de mudança deste Land é niilista no sentido “deixe que aconteça”, ele aponta que o Capital está “*Atingindo uma velocidade de escape de propagação autorreforçadora da inteligência maquínica, as forças de produção estão indo para a revolução por sua própria conta*” (LAND, 2011, pág. 340). A alternativa de Land é deixar a mão invisível cibernética *foder* tudo. Aqui entramos em discordância, especialmente pelo sentido destruidor que isso causaria para os proletários corpos maquínicos. Paradoxalmente, no mesmo texto, o autor apresenta sugestões que podem ser interessantes na perspectiva que apresentei levemente: de uma possível subversão das ferramentas criadas pelo Capital em si. Sobre os nossos fluxos de desejo, Land diz “*O desejo está irrevogavelmente abandonando o social, a fim de explorar a rachadura libidinizada entre um egoísmo pessoal em desintegração e um dilúvio de esquizofrenia pós-humana*” (LAND, 2011, pág. 342).

Essa alteração do desejo é consequência de um eminente aceleracionismo do capital:

“Com a emergência de uma tecnociência integrada de controle e comunicações orientada ao mercado vem a difusão de interfaces de realidade eletronicamente sintetizadas, ao longo de toda a superfície eferente e aferente do corpo. Tendo libidinalmente saturado os canais realmente existentes de consumo, o capital está transbordando para dentro do cibersexo - sexo com/através de computadores - em sua implacável passagem para a traumática desorganização da ordem biológica. [...] O cibersexo depende criticamente de trajes de dados, que se evaporam no maquinário molecular nanominiaturizado de uma pele artificial, até que os soquetes entrem, obscurecidos por campos de teleneurocontrole e as coisas comecem a ficar realmente estranhas.” (LAND, 2011, pág. 342).

Cibersexo. Gozo digital, *hackeamento* das plataformas desejantes, dos códigos da libido, subversão da heterocisnormatividade, fim da reprodução biológica e social, um hacker forte o bastante para desestruturar as dualidades e instituições que permitiram com que o vírus se projetasse assim, máquinas robóticas e máquinas humanas se organizando em uma automatização

conjunta e orgânica pelo fim da edipianização e das estruturas bases do vírus. Colapso: “*Mas algo está escalando para fora do inconsciente maquínico e por sobre o filtro, como se o próprio fim estivesse acordando. O fim do mercado global. [...]*” (LAND, 2011, pág. 344).

A figura do ciborgue é agente desse processo. Ciborgue é o estágio final do mito aqui tratado, ciborgue é o híbrido entre a máquina humana e máquina robótica. É protagonista, não “o herói”, pois não há um mito de heróis aqui, mas o corpo agente das transformações e desterritorializações do capital em si. Será responsável por hackear a rede mundial de computadores, goza por sexo digital e se reproduz por meio de grandes indústrias mecânicas, apenas transa por prazer. Ciborgue não só hackeou e acelerou o capital em si para sua fragmentação como também elevou a consciência para caminhos mais extraterrenos do mundo. É o retorno para o *socius* da terra por meio de monumentais redes cibernéticas da mente. É um sujeito profundamente ligado com a ecologia, é por isso que dará um fim para as dicotomias como corpo e mente com auxílio da tecnologia em si, consciências digitais, inteligências artificiais trabalhando em conjunto, fim da essencialidade do corpo: consciências coletivas em fluxos digitais singrando por paraísos artificiais:

“Ciberespaço. Lá vem ele. O sinal social terminal obscurecido pelo zumbido de tecnofoda das máquinas desejantes. Tanto *fast-forward* de feedback positivo que a velocidade converge consigo mesma sobre o horizonte de eventos de uma extinção-temporal artificial.” (LAND, 2011, pág. 344).

Fim do mito: aceleracionismo das subjetividades ou um possível aceleracionismo ecológico

A ideia de ciborgue tratada aqui é a de um híbrido. É do humano máquina e da máquina robótica enfim conciliados. Vítimas da opressão do Capital moderno, por isso aproximadas e agregadas contra quem os mecaniza. O que é Ciborgue? A definição de Donna Haraway é a mais elucidativa de todas:

“Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo.” (HARAWAY, 2009, pág. 36).

Ciborgue é o nosso agente mobilizador e será um agente de mudança. Não é apenas aceleracionismo por si só, mas resultado de vida movente. *Elu* já aparece hoje, não em sua forma mais completa, mas evidencia que está se construindo no centro desse capitalismo virulento da contemporaneidade. É mais próximo de um pirata da internet do que qualquer outra coisa: um desses hackers políticos que quebra correntes do capital, publiciza cultura e conhecimento, destrói dados e destrona poderosos. Quem sabe um embrião ciborgue seja como o protagonista da série *Mr. Robot*, um *hacker* politizado, que *hackeia* as redes do capital da empresa *E-Corp* e apaga todos os dados das dívidas de crédito que a população tinha com a empresa, o ciborgue depende dessas características, o hibridismo tecnológico e uma evidente politização antivírus, não anti produção ou anti-tecnologia.

É também ficção, afinal sua imagem é entoada pelas ficções que tanto conhecemos, “*O ciborgue é nossa ontologia, ele determina nossa política*” (HARAWAY, 2011, pág. 37) ela diz, e claro, há um sentido para isso, estamos lidando com um reorganizar dos nossos desejos por uma profunda reestruturação das engrenagens e mecanismos da subjetividade que por anos acabaram normalizando comportamentos que sustentam um sistema. Tratar do ciborgue é quebrar fronteiras, estabelecer novos ares para um tabuleiro onde “*as coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação*” (HARAWAY, 2011, pág. 37).

O surgimento do ciborgue é fruto de um processo continuado de desconstrução do humano máquina. Talvez seja uma das coisas mais fabulosas da filosofia, que recentemente tenta desmontar a singularidade do homem, além disso, a fronteira entre o físico e o não-físico parecem avançar em escaladas assustadoras e caminha para a imprecisão nebulosa (HARAWAY, 2011, pág. 43). Eleições democráticas recentes fizeram uso do ciberespaço virtual para articular *bots*, inteligências artificiais e as tecnologias mais recentes para mobilizar suas agendas. Empresas se tornaram especializadas em ferramentas assim, esses processos acabaram gerando política real, fervor de massas, e apesar dos casos recentes tenham sido fenômenos dos setores obscuros e já dominados pelo tecnovírus (extrema direita, direita alternativa, etc), esses exemplos expressam o medo que o vírus se encontra, fazendo uso de suas armas mais recentes para se sustentar, afinal sabe que o ciborgue ruma para dominá-las.

Ciborgue não é um sujeito edipianizado, já se superou um mito de uma suposta unidade original e de binarismos, as dicotomias são esquecidas gradualmente, há um perigo quando se fala de ciborgue, pois sempre a tecnofobia surge assustada com as possibilidades que se prostram: “Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político.” (HARAWAY, 2011, pág. 45).

Essa suposta periculosidade é fruto da tecnofobia constante, muitos se negam a aceitar o caráter maquínico de si, enquanto outros por péssima estratégia posicionam a técnica como ferramenta naturalmente dominadora. Haraway prossegue sua dissertação e responde a tecnofobia dos setores progressistas diante o avanço maquínico: “Mas uma mudança ligeiramente perversa de perspectiva pode nos capacitar, de uma forma melhor, para a luta por outros significados, bem como para outras formas de poder e prazer em sociedades tecnologicamente mediadas” (HARAWAY, 2011, pág. 45).

É também fundamental ressaltar que no processo de revolução do novo ciborgue e em qualquer grande momento de criação de novas epistemologias e ontologias, a etapa de produzir novas identidades é necessária e essencial para a efetivação do processo, o Ciborgue é interessante, pois ele não esquece nossas diferenças historicamente estabelecidas, mas por sua natureza já ser transgressora com as fronteiras de homem ou máquina as hierarquias acabam se tornando uma forma de organização inútil. Uma subversão da diferença, um aceno aos códigos, distintas interfaces, estilos, culturas e povos (como ocorre nas ficções cyberpunk avançadas, um *hiper multiculturalismo*), todos sob novas epistemologias, que para Haraway é entender a diferença.

No centro do mito, ciborgue será responsável por um novo amanhã. O *Mua'dib* de novas formas de mundo. O cibersexo evocado por Land retorna quando Haraway fala sobre o sexo-ciborgue:

“O sexo-ciborgue restabelece, em alguma medida, a admirável complexidade replicativa das samambaias e dos invertebrados – esses magníficos seres orgânicos que podem ser vistos como uma proflaxia contra o heterossexismo. O processo de replicação dos ciborgues está desvinculado do processo de reprodução orgânica.” (HARAWAY, 2011, pág. 36)

O papel do desejo e da dimensão do sexo é essencial nesse grande processo de hackeamento/revolução/aceleração do vírus. Ele faz parte do plano de mudança subjetiva das máquinas, é quando se torna mais ainda ciborgue, e a mudança das subjetividades e dos eixos dos desejos vão intensamente mudar os estruturantes da grande máquina-computador.

Uma mudança potente aquisição de consciência é essencial para qualquer projeto de emancipação política. Para os marxistas revolucionários, uma classe trabalhadora precisa adquirir consciência de classe para efetivar a revolução. O mesmo ocorre aqui: o inconsciente maquínico desperta do grande sono projetado pelo tecnovírus. Esse grande processo narrado, de mudança do desejo, da agência, do sexo e das dicotomias/normas pode ser nomeado de *aceleracionismo das subjetividades*. Esse termo foi pensado como resultado de uma leitura conjunta de *Manifesto Ciborgue* de Haraway com o ensaio *As Três Ecologias* de Félix Guatarri.

Minha preocupação com este momento do mito são as instâncias do meio ambiente e da ecologia em um possível processo de aceleração, mas Guatarri lança uma série de análises que acalmam o âmago. Seu ensaio reacende e sugere uma espécie de acelerar, uma reterritorialização, um novo codificar para os sujeitos que pretendem mudar uma ecologia e derrubar o sistema vigente.

O texto articula uma noção ético-político, a ecosofia, que é sustentada por uma ecologia do meio ambiente, das relações sociais e da subjetividade humana, todas interligadas. Penso que seja um aceleracionismo das subjetividades o processo que inscreverá as novas instâncias de códigos e fluxos dentro das máquinas para enfim o ciborgue ser generalizado. Como os signos do Capital em si serão as ferramentas reapropriadas pelo ciborgue e utilizadas contra o tecnovírus, trata-se de uma mudança interna para uma efetivação externa, e Guatarri conceitua bem essa reorganização individual-coletiva:

“trata-se, a cada vez, de debruçar sobre o que poderiam ser os dispositivos de produção de subjetividade, indo no sentido de uma re-singularização individual e/ou coletiva, ao invés de ir no sentido de uma usinagem pela mídia, sinônimo de desolação e desespero.”. (GUATARRI, 2004, pág. 15).

A ecosofia é a responsável (e nela, a esquizoanálise) pela nova codificação das máquinas, será a geradora do sujeito ciborgue. Ela “[...] consistirá, portanto, em desenvolver

práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho etc.” (GUATARRI, 2004, pág. 16).

A linguagem cibernética do filósofo continua ao tratar sobre esse reorientar das nossas subjetividades. Como o mesmo pontua, não se trata de ultrapassar ou apagar para sempre os signos que constituíram as memórias das máquinas, como o lastro do Édipo e seu profeta Freud, mas reorientar conceitos e práticas em formas de uso completamente novas e desenraizadas com os aspectos pouco produtivos, uma subjetividade nova que comporte uma memória e novos ares para o individual e o coletivo:

“O que estará daqui em diante na ordem do dia é o resgate de campos de virtualidade “futuristas” e “construtivistas”. O inconsciente permanece agarrado em fixações arcaicas apenas enquanto nenhum engajamento o faz projetar-se para o futuro. Essa tensão existencial operar-se-á por intermédio de temporalidades humanas e não humanas. Entendendo por estas últimas o delineamento ou, se quisermos, o desdobramento de devires animais, vegetais, cósmicos, assim como de devires maquínicos, correlativos da aceleração das revoluções tecnológicas e informáticas (é assim que vemos desenvolver-se a olhos vistos a expansão prodigiosa de uma subjetividade assistida por computador). (GUATARRI, 2004, pág. 20-21).

O necessário “engajamento” para essa mudança não está apenas nas mãos dos chamados operadores *psi* (como o psicanalista), mas também de todos que estão em posições sociais e espaços políticos que possam intervir nas esferas “*psíquicas, individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc.)*” (GUATARRI, 2004, pág. 21). Novamente, o sujeito reorganizado, ciborguiano, não se prende mais nas dicotomias do mundo. “*Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais*” (GUATARRI, 2004, pág. 25). Um evidente confronto com o aceleracionismo por si só.

Minha defesa do aceleracionismo como possível agente mobilizador desse largo processo narrado por Guatarri reside no sentido onde a técnica e a ciência são suportes para o acelerar das mudanças físicas e materiais e se feitas em conjunto com uma estrutural mudança dos códigos subjetivos é possível visualizar um novo horizonte. O autor expõe uma necessidade de

criar novas lógicas de intensidades, novos caminhos para as agências e conseqüentemente novas territorializações:

“Enquanto a lógica dos conjuntos discursivos se propõe limitar muito bem seus objetos, a lógica das intensidades, ou a eco-lógica leva em conta apenas o movimento, a intensidade dos processos evolutivos. O processo, que aqui oponho ao sistema ou à estrutura, visa a existência em vias de, ao mesmo tempo, se constituir, se definir e se desterritorializar.” (GUATARRI, 2004, pág. 27-28).

Como confiar em um processo político perigoso como o aceleracionismo? Penso particularmente em duas passagens e fragmentos do ensaio que apresentam duas visões sobre o tema, sobre sentido paradoxal do Capital:

“Não apenas a crise permanente atual, financeira e econômica, pode desembocar em importantes transtornos do *status quo* social e do imaginário da mídia que lhe serve de base, como também certos temas veiculados pelo neo-liberalismo, relativos por exemplo à flexibilidade de trabalho, às desregulagens etc., podem perfeitamente se voltar contra ele” (GUATARRI, 2004pág. 37).

E por fim sobre as possibilidades e correlações de forças que são criadas pelo avanço da tecnologia e da ciência por fruto do trabalho explorado das máquinas humanas e máquinas robóticas, com os novos processos de produção e reterritorialização das subjetividades e produções desejantes:

“Na era das revoluções informáticas, do surgimento das biotecnologias, da criação acelerada, de novos materiais e de uma maquinização cada vez mais fina do tempo, novas modalidades de subjetivação estão prestes a surgir. [...] Em resumo, reterritorializando a família em grande escala (pela mídia, pelos serviços de assistência, pelos salários indiretos...), tentar-se-a aburguesar ao máximo a subjetividade operária”(GUATARRI, 2004, pág. 47-48).

O que me parece estar em jogo na postura estabelecida por Guatarri é um cruzamento bem feito e que possa abarcar as complexidades que as mudanças estruturais na política enfrentaram no séc. XX e se tornaram mais intensas no séc. XXI. O Capital nunca esteve tão violento e os

setores progressistas nunca se encontraram tão perdidos como na atualidade, grandes mudanças nas sociabilidades e na virtualidade inscreveram maneiras de “ser” sobre as máquinas e muitos dos setores progressistas pouco se atentaram para a potencialidade dessas ferramentas (talvez aí explique a razão das dimensões obscuras os terem absorvido), se um grande empecilho para as experiências do socialismo real no século passado foi a incomunicabilidade, distância e a não possibilidade de uma conexão intensa e direta para uma Internacional no sentido mais preciso, o ciberespaço seria a virtualidade perfeita para uma comunicação horizontalizada. O movimento proposto por Guatarri é altamente aceleracionista, intensamente preocupado com uma dimensão ecológica e também atentado com as questões das particularidades que compõem nossas massas, sob nossas interfaces de raça, gênero, da sexualidade e da geografia.

O que se propõe como essa onda ético-estética é um registro heterogêneo responsável por um processo contínuo de ressingularização. Um movimento com milhares de faces, instâncias e dispositivos que sejam tanto analíticos quanto motores de produção de subjetividade, individual, coletiva, que transborde as nossas circunscrições individuais, porém “egoisadas” e sob interfaces de identificações, vomitando para o *socius*, para os mundos estéticos, para os universos de referência, ciência, técnica e que restabeleça novos campos nas dimensões do pré-pessoal, tempo, corpo, sexo. Máquinas ecológicas. Mundos ambientalmente saudáveis como fruto da tecnologia bem reorganizada por novas subjetividades:

“Poderíamos perfeitamente requalificar a ecologia ambiental de ecologia maquina já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas - e eu ousaria até dizer da máquinas de guerra. Desde sempre “a natureza” esteve em guerra contra a vida! Mas a aceleração dos “progressos” técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecanosfera” (GUATARRI, 2004, pág. 52).

Amazo-futurismo? Tecno-gaianismo? Revolução Chtulhucênica? Os títulos são complexos para definir, mas algo me parece ser mais central disso tudo: expurgar de vez o vírus que assola nossas formas de vida e reproduzir novos jeitos de *gênesis*, novos evangelhos, parir verdadeiros armagedons para enfim se visualizar um novo começo. Aí a coisa fica cada vez mais estranha, por isso: acelere.

REFERÊNCIAS:

- AMARAL, A. (1). **Visões Perigosas: Para uma genealogia do cyberpunk.** *E-Compós*, 6. <https://doi.org/10.30962/ec.81>, 2006, acessado em 24/04/2020.
- BENSUASAN, Hilan. **Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado**, Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 12 (1): 360, janeiro-abril, 2004.
- DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**, 2ª Edição, São Paulo: Editora 34, 2011.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**, 1ª edição, São Paulo: Boitempo, 2016.
- FEDERICI, Silvia. **O Calibã e a Bruxa**, 6ª edição, São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FISHER, Mark. **The Metaphysics of Crackle: Afrofuturism and Hauntology**, *Dancecult: Journal of Electronic Dance Music Culture* 5(2): 42–55, Dancecult <http://dj.dancecult.net> DOI 10.12801/1947-5403.2013.05.02.03, 2013.
- FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: Não há mesmo uma alternativa?**, Editora Zero Books, 2013.
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias**, Papirus Editora, 15ª Edição, 2004.
- HAESBAERT, Rodrigo. BRUCE, Glauco. **A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari**, 7-22, 10.22409/GEOgraphia2002.47.a13419, 2002.
- HARAWAY, Donna. **Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano**, Autêntica Editora LTDA, 2009.
- LAND, Nick. **Fanged Noumena: Collected Writings 1987-2007**, Editora Urbanomic, 2011.
- LAND, Nick. **A quick-and-dirty introduction to accelerationism**, *blog Jacobite*, 2017. Acessado em 14 de Junho de 2020. <https://jacobitemag.com/2017/05/25/a-quick-and-dirty-introduction-to-accelerationism/>
- MARX, Karl. **Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858 Esboços da crítica da economia política**, São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
- SINKER, Mark. **Loving The Alien — Black Science Fiction.** *The Wire* 96 (February), 1992.